

A PRESENÇA DA ORALIDADE NO TEXTO DE FICÇÃO

Catia Artur¹

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo verificar marcas da oralidade no diálogo de ficção presente em *Passeio*, de Fernando Sabino, considerando-o, nesta situação, tal qual um *corpus* linguístico gravado. Não se pretende aqui esgotar as possibilidades de análise do texto, indicando todas as características de uma conversação, mas, sim, observar três principais elementos: fatores extralinguísticos que podem influenciar a fala das personagens, fatores linguísticos que revelam traços de interatividade e estratégias conversacionais que colaboram para a eficácia comunicativa.

Palavras-chave: marcas da oralidade, conversação literária, estratégias de conversação.

ABSTRACT

This paper aims to verify marks of orality in the fictional dialogue “*Passeio*” written by “Fernando Sabino” considering a recorded linguistic corpus. Although the objective of the study is not to exhaust the possibilities of text analysis, indicating all the characteristics of a conversation, three main elements are observed: extra linguistic factors that may influence the speech of characters, linguistic factors that reveal traces of interactivity and conversational strategies that work together for effective communication.

Keywords: marks of orality, literary conversation, conversation strategies.

Introdução

A análise de conversações vem se mostrando como uma possibilidade de estudo bastante fértil para compreender como, efetivamente, ocorre a interação entre os usuários de uma língua. Na ausência de um *corpus* legítimo, a “conversação literária” pode facilitar a observação de características próprias da oralidade, bem como do emprego de estratégias específicas na construção textual. Nesse sentido, o presente estudo se dará a partir do conto *Passeio*, de Fernando Sabino.

As linhas teóricas que norteiam este trabalho são as da Sociolinguística (variações), Sociolinguística Interacional e Análise da Conversação, visto que se completam para a realização da *macroanálise* (estudo das informações trazidas pela enunciação – o contexto histórico, o contexto geográfico, os fatores extralinguísticos) e *microanálise da*

¹ Mestranda do Programa de Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa da PUCSP.

conversação literária (estudo dos elementos interacionais decorrentes da situação de comunicação).

Na análise, temos em conta que a elaboração da língua escrita da literatura revela características da língua falada com restrições. Isso porque o texto literário, por ser uma produção escrita, pressupõe um processo de elaboração planejado, reflexivo, que admite correções sem vestígios, diferentemente do que ocorre na dinâmica da língua oral espontânea, em face da situação interacional. O planejamento da fala se daria paralelo à sua produção.

Além disso, a fala se diferencia da escrita pela sua estrutura, sua organização própria, seu enunciado linguístico. Em decorrência de suas especificidades, teríamos dificuldade, por exemplo, de representar, na escrita, a riqueza prosódica, as sobreposições de vozes, a mudança constante dos tópicos conversacionais, entre outros recursos tão frequentes na fala que colaboram para sua formulação textual. Portanto, seria impossível dizer que os diálogos literários representam exatamente a linguagem falada do dia a dia.

De toda forma, esse tipo de estudo ainda nos parece válido, pois pressupomos que os autores, como falantes da língua, mesmo com as limitações da representação da oralidade na escrita, geralmente, conseguem reproduzir os diálogos literários de maneira verossímil à realidade falada, valendo-se do emprego de seus conhecimentos linguísticos, fruto de sua vivência e observação. Quando o leitor é envolvido pelo texto de ficção, identifica as personagens e suas histórias como possíveis e aceita sua variante linguística como necessária para aquela situação de interação.

Ademais, muitas vezes, os exemplos recriados de memória pelos autores, embora conhecidos pelos falantes da língua, não são facilmente flagrados em gravações de conversações naturais, *corpus* de primeira mão para análise da oralidade. Nesse caso, o texto literário acaba por validar aquele registro linguístico ou aquelas marcas de oralidade conhecidas quando as apresenta, correspondendo a um “modelo preconcebido” e corroborando o trabalho do analista.

O Texto Sob Análise

O texto selecionado para análise trata de um assunto delicado: o momento de comunicar à criança que os pais vão se separar. O diálogo mostra-nos um pai às voltas com

a filha de oito anos, tentando, desajeitadamente, contar-lhe o fato. A menina percebe a intenção do pai e o ajuda em seu objetivo, deixando-o ainda mais desconcertado.

– Aonde vamos, papai?

Seguíam devagar, de mãos dadas, em direção ao túnel. Ele olhou em redor, desorientado.

– Dar um passeio... Vamos passar pelo túnel – resolveu. – A pé, você já passou pelo túnel a pé?

– Não – disse a menina, extasiada. Num passeio com o pai, tudo era motivo de prazer. – A gente pode?

– Pode. Tem um lugar do lado que é para a gente passar.

– De que é feito o túnel, papai?

De que era feito o túnel? Essa era uma pergunta meio tola. Tinha oito anos e parecia inteligente... O túnel era um buraco na montanha, não era feito de nada.

– Ah...

De repente, porém, ela o surpreendeu:

– Túnel deprime muito a gente.

– Deprime? Com quem você aprendeu isso?

– Com mamãe: nós duas andamos muito deprimidas.

Positivamente, a mulher deveria ter mais cuidado com o que falava. O que seria daquela menina, sem ela perto, para... para.

– E por que vocês andam deprimidas?

– Não sei: acho que é porque não temos vontade de comer:

Era preciso falar – e falar com jeito, sem escandalizar a menina, assustá-la para a vida. Não dê motivo fútil – era o que recomendavam. O que uma menina de oito anos entenderia por motivo fútil?

– Você já está mocinha – tentou, desajeitadamente, e não soube continuar.

– Aonde nós vamos, papai?

Saíram do túnel. O melhor era procurar um lugar calmo, sossegado. Uma confeitaria, talvez.

– Você quer tomar um sorvete?

– Mamãe disse que está muito frio.

– Não tem importância – disse ele apressadamente: – Vamos tomar um sorvete. Satisfeitos ambos com a resolução, entraram num ônibus

e saltaram à porta da confeitaria. Ela se deteve junto à vitrine:

– Olha, papai, que bonito.

Era uma horrorosa caixa de bombons em forma de coração.

– Dou de presente, você quer? – e puxou-a pelo braço, em direção à entrada. Dar-lhe-ia tudo que quisesse, como a comprar sua simpatia para o que tinha a dizer. – Mamãe falou que não posso comer bombom senão não janto.

– Hoje você pode, sim.

A mãe também estava exagerando, oprimindo a menina. Não tinha nada de mais comer um bombom de vez em quando. E aquele dia não era um dia comum – pensou sem perceber que violentava as regras

intransigentes de educação da filha que ele próprio firmara e que a mulher agora não fazia senão obedecer. Oprimindo a menina. Nós duas andamos muito deprimidas. Pessoas entravam e saíam da confeitaria, movimentada àquela hora da tarde. Moças e rapazes esperavam mesa, conversando em grupos, alguns olharam aquele homem tímido, meio curvado, que entrava com uma menina pela mão. Sentiu-se constrangido no ambiente elegante da confeitaria, sentiu-se velho entre aqueles rapazes de suéter e aquelas moças de calça comprida, como rapazes. Em dez anos a filha estaria assim. Dez anos passam de pressa. Dez anos haviam passado.

– Aqui não tem lugar – disse ele, contendo a menina. – Vamos ali para o fundo.

Passaram ao outro lado da confeitaria, de aspecto mais humilde.

– Aqui tem sorvete também. Não está bom?

A menina sacudiu a cabeça, submissa:

– Lá na frente era melhor...

– Lá na frente não tem lugar.

– Mas aqui não tem bombom.

– Ah, me esqueci de sua caixa de bombons! Espere aí que vou buscar.

Sentou-se a uma das mesas e ordenou ao garçom:

– Traga um sorvete para esta menina. Que sorvete você quer, minha filha? De coco? chocolate?

– *Milk shake* – disse ela, com displicência, o garçom logo a entendeu. O pai olhou-a espantado:

– Que é que você pediu?

– *Milk shake*. Venho aqui sempre com a mamãe e ela pede *milk shake*.

– Então espera aí direitinho que vou buscar seus bombons, volto já.

Passou à outra parte da confeitaria, dirigiu-se ao balcão:

– Quero aquela caixa de bombons que está ali na vitrine, aquela feia, em forma de coração.

De longe avistou a filha, perninhas dependuradas, a chupar o canudo do refresco, olhos vagos, distraídos, inconstantes – os olhos da mãe.

– Demorei? – e sentou-se ao lado dela.

– Fiquei com medo de você ir embora.

– Então eu ia fazer uma coisa dessas, minha filha, ir embora?

A menina apontou a mesa com os olhos, sem abandonar a palha do refresco:

– Pedi um *milk shake* para você.

Ele se ajeitou na cadeira e acendeu um cigarro. Chegara o momento – como começar?

– Você sentiu saudade do papai?

– Não, porque demorou pouco. Comprou?

– Comprei, olha aqui – e exibiu-lhe o embrulho.

– Vou levar para mamãe – resolveu ela, subitamente inspirada. – Pode?

– Pode – e ele passou a mão pelo rosto, desconcertado. – Um presente seu para ela.

– Meu, não: seu – fez a menina, como a experimentá-lo. Não respondeu. Ela voltara a chupar o canudo de palha, agora soprava para dentro do copo, fazendo espuma no refresco.

– Eu pergunto se você sentiu saudade de mim não foi agora não, foi quando estive viajando.

– Você esteve viajando mesmo?

Meu Deus, como começar? Era preciso começar, já se fazia tarde, o refresco se acabava, em pouco tinha de levá-la de volta para a mãe. Estivera viajando sim, por que haveria de mentir?

– E chegou assim, sem mala, sem nada?

– É porque eu cheguei... Isto é... Olha aqui. Toma este outro também, papai não está com vontade – e passou-lhe o copo.

– Assim não janto e mamãe zanga – disse ela, indecisa, a boca a meio caminho do segundo refresco.

– Não tem importância. Diga que fui eu.

Não tinha importância – o importante era dizer, contar tudo, escandalizar, violentar a inocência da menina. Assim recomendavam todos hoje em dia: as crianças devem saber de tudo, porque senão inventam por conta própria, e é pior. O que não é capaz de inventar uma criança? Antigamente na escola, entre as amigas, a criança se sentia a única, mas hoje em dia podia-se dizer que era a regra, tantos casais separados! E sacudiam a cabeça, convictos: sobretudo não dê motivos fútil.

– Escuta, minha filha, você é uma mocinha, já deve saber das coisas.

Voltava à fórmula da mocinha. Agora era continuar, custasse o que custasse. Daria tudo para não viver jamais aquele instante. Pensou se não era bom tomar antes um conhaque.

– Estive viajando sim, mas não é só por isso que não estou morando mais com você. Agora, por exemplo, já cheguei e não vou dormir lá em casa.

– Onde é que você vai dormir?

– Noutro lugar – respondeu ele, evasivo: não pensava em dizer onde estava morando, ela poderia querer ir com ele.

– E quem é que vai dormir com a mamãe?

A pergunta apanhou-o desprevenido, sentiu-se jogado de súbito naquela atmosfera de ansiedade que precedera a separação.

– Me diga uma coisa, filhinha – ele não resistia, e se inclinava, ansioso, sobre a mesa, segurando a mão da filha: – Você disse que vem sempre aqui com sua mãe... Sozinha? Não vem ninguém mais com vocês?

A menina limitou-se a negar com a cabeça, sempre tomando o refresco.

– E lá em casa? Tem ido alguém visitar mamãe?

Desta vez ela sacudiu a cabeça afirmativamente.

– Quem?

Desgarrou os lábios da palha já amassada para responder:

– Vovó.

Ele chamou o garçom e pediu um conhaque. Voltou a acomodar-se na cadeira, perturbado. Não interessava! Tudo acabado para sempre. Agora restava contar para filha:

– Sabe, filhinha, você já é uma... Bem, isso eu já disse. Quero dizer o seguinte: você sabe que papai gosta muito de sua mãe...

Antes de mais nada, deixar bem a mãe: era também o que aconselhavam. Tomou de uma só vez o conhaque e prosseguiu:

– Sua mãe é muito boa, sabe? Muito boa mesmo, gosta muito de você, você deve ser obediente e boazinha para ela.

Não, não era isso. Precisava dizer logo, ou não diria nunca:

– Papai gosta dela e ela do papai. Mas acontece, sabe? que ela é muito diferente do papai, gosta de uma coisa, papai de outra...

Motivo fútil. O que não seria motivo fútil?

– Bem, eu e sua mãe gostamos muito um do outro mas eu andava muito cansado, trabalhando o dia todo, sua mãe muito nervosa, nós vivíamos discutindo... brigando...

– Se gostam, por que é que brigam?

Foi a única vez que a menina o interrompeu. Dali por diante ficou calada, olhando para outro lado, e ele prosseguiu como pôde, dizendo: ela não tinha amiguinha no colégio? Não gostavam uma da outra? e de vez em quando não brigavam? Pois então? Com eles também era assim. E para viver junto era preciso não brigar nunca, era preciso ser muito bom um para o outro, era preciso...

– Minha filha, você não está me escutando.

– Estou sim, papai...

A menina terminara o refresco e agora riscava distraidamente a mesa coma palha umedecida.

– Que é que estou dizendo?

Ela voltou-se para ele:

– Está dizendo que você e mamãe vão separar.

Ele respirou fundo, num misto de angústia e alívio:

– Mas vou visitar vocês sempre...

– Eu sei.

– Posso levar você para passear.

– Sei.

– Posso... Posso...

Ela se levantou, puxando-o pela mão:

– Papai, me leva embora que já está ficando tarde.

– Minha filha – disse ele, confuso e comovido, e não resistiu, tomou-a no colo, abraçou-a com força, enquanto lágrimas lhe enchiam os olhos. Quis falar e as palavras se prenderam num engasgo. Um casal sentado ao fundo da confeitaria, mãos dadas sobre a mesa, voltou-se curiosamente para vê-lo. Ele depositou a menina no chão, sem que ela oferecesse resistência. Chamou o garçom, pagou, reteve a filha:

– Olha, você está esquecendo os bombons.

Saíram, e a menina o conduzia pela mão, como a um cego.

(Fernando Sabino, *Passeio*: 28-35)

A Macroanálise da “Conversação Literária”

Os aspectos relacionados ao contexto histórico e ao geográfico que permeiam um diálogo incidem sobre o ato conversacional e acabam por influenciar a ocorrência de variações linguísticas. Além disso, vários fatores extralinguísticos, tais como as características socioculturais (grau de escolaridade, profissão, *status*, etc.) e psicobiológicas (faixa etária, gênero, tipo psicológico etc.) dos falantes, também colaboram para revelar as variações da linguagem. (PRETI, 2004: 169). A observação desses elementos no diálogo literário corresponde à *macroanálise do texto*.

No texto de ficção selecionado, não temos muitas informações sobre o contexto histórico e geográfico em que se passa a história, por isso, limitamo-nos a apontar apenas alguns fatores extralinguísticos.

Caracterização das Personagens

O diálogo se dá entre interlocutores de papéis sociais distintos que mantém uma relação afetiva entre si, um pai e uma filha.

O pai é um “homem tímido, meio curvado”. De modo geral, mostra-se desorientado, desajeitado, ansioso e perturbado. Parece-nos, ainda, uma pessoa de *status* modesto e de meia idade, pois “sentiu-se constrangido no ambiente elegante da confeitaria”, onde resolve tomar sorvete com a filha, e “velho entre aqueles rapazes de suéter e aquelas moças de calça comprida, como rapazes.” Por esse motivo, arranja uma maneira de passar ao “outro lado da confeitaria, de aspecto mais humilde”.

“– Aqui não tem lugar – disse ele, contendo a menina. – Vamos ali para o fundo.”

A filha “tinha oito anos e parecia inteligente”. De acordo com a fala da própria personagem, somos informados de que, na ocasião, andava deprimida como a mãe, sem vontade de comer. Pelas palavras do pai, sabemos que “tinha olhos vagos, distraídos, inconstantes – os olhos da mãe.” A menina também nos parece curiosa e espontânea, como muitas crianças de sua idade, pelas perguntas que dirige ao pai.

– Aonde vamos, papai?

.....

– De que é feito o túnel, papai?

.....

- Você esteve viajando mesmo?
.....
- E chegou assim, sem mala, sem nada?
.....
- Onde é que você vai dormir?
.....
- E quem é que vai dormir com a mamãe?
.....
- Se gostam, por que é que brigam?

Influências da Faixa Etária na Linguagem

Podemos considerar que algumas passagens do texto apontam para comportamentos linguísticos relacionados à faixa etária das personagens. Por exemplo, o pai se surpreende com o *conteúdo* da fala da filha em alguns momentos: quando fala sobre depressão e quando usa palavra estrangeira com desenvoltura, provavelmente por não esperar esse uso por uma menina de sua idade.

- De repente, porém, ela o surpreendeu:
- **Túnel deprime muito a gente.**
 - **Deprime? Com quem você aprendeu isso?**
 - Com mamãe: nós duas andamos muito deprimidas.
.....
 - Traga um sorvete para esta menina. Que sorvete você quer, minha filha? De coco? chocolate?
 - *Milk shake* – disse ela, com displicência, o garçom logo a entendeu. O pai olhou-a espantado:
 - **Que é que você pediu?**
 - *Milk shake*. Venho aqui sempre com a mamãe e ela pede *milk shake*.

Esse conteúdo é explorado pela menina influenciado pelo discurso da mãe. Tal influência também pode ser percebida em outros trechos.

- **Mamãe disse que** está muito frio.
.....
- **Mamãe falou que** não posso comer bombom senão não janto.

Ao lembrar as regras de sua educação, no entanto, a menina retoma imposições do próprio pai, sem o saber. Logo, sua fala pode ser considerada o discurso do próprio pai, conforme o pensamento da personagem a seguir.

A mãe também estava exagerando, oprimindo a menina. Não tinha nada de mais comer um bombom de vez em quando. E aquele dia não era um dia comum – **pensou sem perceber que violentava as regras intransigentes de educação da filha que ele próprio firmara e que a mulher agora não fazia senão obedecer.** Oprimindo a menina. Nós duas andamos muito deprimidas.

Por outro lado, alguns aspectos da linguagem poderiam ser reconhecidos como da própria menina, influenciados pela sua idade, como o emprego de *verbos reflexivos sem o pronome correspondente*.

– Assim não janto e mamãe **zanga** – disse ela, indecisa, a boca a meio caminho do segundo refresco.

.....
– Está dizendo que você e mamãe vão **separar**.

Na fala do pai, percebemos o uso de algumas *frases feitas* que são direcionadas, considerando a interlocutora infantil.

– **Você já está mocinha** – tentou, desajeitadamente, e não soube continuar.

.....
– **Você sentiu saudade do papai?**

Na interação com a filha, notamos também que o pai *refere-se a si em 3ª pessoa*, numa linguagem afetiva, tendo em conta sua idade e a relação entre eles.

– Sabe, filhinha, você já é uma... Bem, isso eu já disse. Quero dizer o seguinte: você sabe que **papai** gosta muito de sua mãe...

.....
– **Papai** gosta dela e ela do **papai**. Mas acontece, sabe? que ela é muito diferente do **papai**, gosta de uma coisa, **papai** de outra...

A linguagem afetiva do pai ainda é retratada ao *referir-se à mãe e no uso do diminutivo*.

– E lá em casa? Tem ido alguém visitar **mamãe**?

.....
 – Então espera aí **direitinho** que vou buscar seus bombons, volto já.

Embora as personagens apresentem características tão distintas, ressaltadas especialmente pela diferença de idade, conseguem formular cooperativamente o texto conversacional, facilitando a compreensão entre eles.

A Microanálise da “Conversação Literária”

As variações linguísticas da linguagem das personagens na literatura geralmente estão de acordo com certos limites determinados pelas *estruturas de expectativa* do leitor. Para tanto, as informações contextuais trazidas pelo narrador devem motivar seu envolvimento a ponto de ele considerar que elas validam o emprego de determinado registro. Nesse sentido, o grau de aceitabilidade das formas orais na linguagem escrita literária dependerá da convicção do leitor de que elas são indispensáveis para a criação da “realidade” linguística na obra. (PRETI, 2004: 146). Dos aspectos linguísticos e interacionais trata a *microanálise do texto*.

Como já mencionamos no tópico anterior alguns aspectos da linguagem relacionados à faixa etária das personagens, aqui optamos por indicar marcas da oralidade mais gerais, tais como: *formas de tratamentos, uso da expressão “a gente” em lugar de “nós”, dêiticos, repetições, redundâncias e marcadores conversacionais*, por aparecerem com maior frequência no diálogo. Algumas *estratégias conversacionais* também foram mencionadas, pois justificam as técnicas linguísticas empregadas no ato conversacional.

As Marcas de Oralidade

Conforme Galembeck (2003: 65), “Uma das características mais evidentes da conversação é, seguramente, o fato de que os interlocutores se alternam nos papéis de falante e ouvinte.” A alternância entre os interlocutores e a participação de cada um na construção do diálogo remete aos turnos conversacionais.

Nas sucessões de turno, faz-se uso de *tratamentos* que devem condizer às relações entre os falantes, seus *status* e papéis sociais.

Em português, o sistema de tratamento pode ser representado: 1) por formas pronominais, ou seja, pelos pronomes pessoais (tu, vós); 2) por formas pronominalizadas, isto é, com valores de pronome pessoais (você, o senhor, Vossa Excelência, Vossa Senhoria e suas variações); 3) por formas nominiais, constituídas por nomes próprios, prenomes, nomes de parentesco ou equivalentes, antecédidos de artigo, uso praticamente restrito de Portugal ou, ainda, por uma grande variedade de nomes empregados como vocativos ou formas de chamamento. (PRETI, 2004: 184)

A relação social que se dá entre os interlocutores do texto, como sabemos, é entre um adulto e uma criança (*status* etário) – pai e filha. Na interação, o pai trata a menina por “minha filha”, “filhinha”, “você” e “tu”. Ela, por sua vez, usa as formas de tratamento “papai”, “você” e “tu” na fala com o pai.

– Aonde vamos, **papai**?

Seguíam devagar, de mãos dadas, em direção ao túnel. Ele olhou em redor, desorientado.

– Dar um passeio... Vamos passar pelo túnel – resolveu. – A pé, **você** já passou pelo túnel a pé?

.....
– Demorei? – e sentou-se ao lado dela.

– Fiquei com medo de **você** ir embora.

– Então eu ia fazer uma coisa dessas, **minha filha**, ir embora?

.....
– E chegou assim, sem mala, sem nada?

– É porque eu cheguei... Isto é... **Olha** aqui. **Toma** este outro também, papai não está com vontade – e passou-lhe o copo.

.....
– Me diga uma coisa, **filhinha** – ele não resistia, e se inclinava, ansioso, sobre a mesa, segurando a mão da filha: – **Você** disse que vem sempre aqui com sua mãe... Sozinha? Não vem ninguém mais com vocês?

A menina limitou-se a negar com a cabeça, sempre tomando o refresco.

.....
Ela se levantou, puxando-o pela mão:

– **Papai**, me **leva** embora que já está ficando tarde.

A mistura da 2ª com a 3ª pessoa do singular é muito comum na oralidade, bem como o emprego da expressão “a gente” em lugar de “nós”. Ocorre, ainda, o uso destes, em um

mesmo diálogo, para referir-se a ambos os interlocutores. Esse tipo de mescla está presente no texto.

- Aonde **vamos**, papai?
- Seguiam devagar, de mãos dadas, em direção ao túnel. Ele olhou em redor, desorientado.
- Dar um passeio... **Vamos** passar pelo túnel – resolveu. – A pé, você já passou pelo túnel a pé?
- Não – disse a menina, extasiada. Num passeio com o pai, tudo era motivo de prazer. – **A gente** pode?
- Pode. Tem um lugar do lado que é para **a gente** passar.

No diálogo, pai e filha também fazem uso de *dêiticos de reforço*, que são elementos expressivos na linguagem falada, para indicar lugares ou proximidade/ distância.

- **Aqui** não tem lugar – disse ele, contendo a menina. – Vamos **ali** para o fundo.
- Passaram ao outro lado da confeitaria, de aspecto mais humilde.
- **Aqui** tem sorvete também. Não está bom?
- A menina sacudiu a cabeça, submissa:
- **Lá** na frente era melhor...
- **Lá** na frente não tem lugar.
- Mas **aqui** não tem bombom.
- Ah, me esqueci de sua caixa de bombons! Espere **aí** que vou buscar.

Além dos *dêiticos*, algumas palavras também são frequentes no texto. Nesse caso, trata-se de *repetições*. Na fala da menina, por exemplo, repetidamente aparece “mamãe”.

- Túnel deprime muito a gente.
- Deprime? Com quem você aprendeu isso?
- Com **mamãe**: nós duas andamos muito deprimidas.
-
- **Mamãe** disse que está muito frio.
- **Mamãe** falou que não posso comer bombom senão não janto.
-
- Que é que você pediu?
- *Milk shake*. Venho aqui sempre com a **mamãe** e ela pede *milk shake*.
-
- Comprei, olha aqui – e exibiu-lhe o embrulho.
- Vou levar para **mamãe** – resolveu ela, subitamente inspirada. – Pode?
-
- Assim não janto e **mamãe** zanga – disse ela, indecisa, a boca a meio caminho do segundo refresco.
-

– E quem é que vai dormir com a **mamãe**?

Há, ainda, repetições de frases em alguns trechos, especialmente, na fala do pai. Ele costuma repetir *frases feitas*.

– **Você já está mocinha** – tentou, desajeitadamente, e não soube continuar.

– Escuta, minha filha, **você é uma mocinha**, já deve saber das coisas.

.....
– Sabe, filhinha, **você já é uma...** Bem, isso eu já disse. [...]

Na fala do adulto, podemos notar também a ocorrência de *redundâncias*.

– [...] Quero dizer o seguinte: você sabe que **papai gosta muito de sua mãe...**

.....
– **Papai gosta dela e ela do papai**. Mas acontece, sabe? que ela é muito diferente do papai, gosta de uma coisa, papai de outra...

.....
– Bem, **eu e sua mãe gostamos muito um do outro** mas eu andava muito cansado, trabalhando o dia todo, sua mãe muito nervosa, nós vivíamos discutindo... brigando...

No diálogo literário, assim como na fala, aparecem *interrupções sintáticas*, frases truncadas, que sinalizam momentos maiores ou menores de hesitação. Essas ocorrências podem ser denominadas *marcadores conversacionais de hesitação*.

– É porque eu **cheguei... Isto é...** Olha aqui, toma este outro também, papai não está com vontade – e passou o copo.

.....
– Você já é **uma...** Bem, isso eu já disse.

.....
– **Posso... posso...**

Outros tipos de marcadores estão presentes no texto conversacional. Eles representam elementos verbais de pouco ou nenhum valor semântico, funcionando como articuladores das unidades cognitivo-informativas e interacionais do texto. Podem ser classificados, conforme explica Urbano (2003: 99), em *marcadores linguísticos* e *marcadores não-linguísticos* (ou *marcadores paralinguísticos*). Os *marcadores linguísticos* podem ser verbais (lexicalizados e não-lexicalizados) ou *prosódicos* (a pausa, a entonação, o alongamento, a mudança de ritmo e de altura).

No texto, temos os seguintes:

a) **Marcadores linguísticos verbais lexicalizados:**

– **Sabe**, filhinha, você já é uma... **Bem**, isso eu já disse. [...]

.....
– Sua mãe é muito boa, **sabe**? [...]

.....
– Papai gosta dela e ela do papai. Mas acontece, **sabe**? que ela é muito diferente do papai, gosta de uma coisa, papai de outra...

.....
– **Bem**, eu e sua mãe gostamos muito um do outro mas eu andava muito cansado, trabalhando o dia todo, sua mãe muito nervosa, nós vivíamos discutindo... brigando...

b) **Marcadores linguísticos verbais não-lexicalizados:**

– De que é feito o túnel, papai?

De que era feito o túnel? Essa era uma pergunta meio tola. Tinha oito anos e parecia inteligente... O túnel era um buraco na montanha, não era feito de nada.

– **Ah...**

c) **Marcadores linguísticos prosódicos:** pausas e alongamentos.

– Bem, eu e sua mãe gostamos muito um do outro mas eu andava muito cansado, trabalhando o dia todo, sua mãe muito nervosa, nós vivíamos **discutindo... brigando...**

– Se gostam, por que é que brigam?

Foi a única vez que a menina o interrompeu. Dali por diante ficou calada, olhando para outro lado, e ele prosseguiu como pôde, dizendo: ela não tinha amiguinha no colégio? Não gostavam uma da outra? e de vez em quando não brigavam? Pois então? Com eles também era assim. E para viver junto era preciso não brigar nunca, era preciso ser muito bom um para o outro, **era preciso...**

– Minha filha, você não está me escutando.

– Estou sim, **papai...**

A menina terminara o refresco e agora riscava distraidamente a mesa coma palha umedecida.

– Que é que estou dizendo?

Ela voltou-se para ele:

– Está dizendo que você e mamãe vão separar.

Ele respirou fundo, num misto de angústia e alívio:

– Mas vou visitar vocês **sempre...**

d) **Marcadores não-linguísticos:** meneios de cabeça.

A menina sacudiu a cabeça submissa.

.....
 A menina limitou-se a negar com a cabeça...

.....
 Desta vez ela sacudiu a cabeça afirmativamente.

As características da oralidade apontadas no diálogo literário colaboram para reconstituir a realidade linguística de falantes, mostrando a organização dos enunciados de acordo com os objetivos comunicacionais.

As Estratégias Conversacionais

Além dos elementos linguísticos, podemos recorrer a uma estância pragmática, revelada pelo narrador ou pelos próprios interlocutores, para verificar o esforço em efetivar a interação e os propósitos da conversação. Nessa situação, muitas vezes, verificamos uma articulação de estados psicológicos a *estratégias conversacionais* adequadas aos objetivos comunicacionais das personagens, para direcionar seu comportamento linguístico.

Prete (2004: 151) assim define as *estratégias conversacionais*:

São formas que os falantes planejam no início ou durante o andamento do diálogo para expressar ou não o que realmente pensam; para se fazerem compreender de uma maneira que lhes interessa; para ocultarem intenções não explícitas em seus atos; para revelarem sua aproximação ou afastamento do interlocutor; para buscarem compreensão ou entendimento; etc.

Nesse sentido, para corresponder à realidade linguística, é possível encontrar na literatura personagens que iniciam o ato conversacional numa dada direção, com propósitos previamente definidos, fazendo uso de certas estratégias discursivas para se expressar, tal como na fala. No entanto, essas estratégias podem ser reformuladas, à medida que a conversação se desenvolve, em função da intervenção de um dos interlocutores ou da inserção de outros tópicos, alterando o percurso comunicativo ou desviando totalmente os interlocutores do propósito inicial da conversação.

No diálogo analisado, sabemos que o pai pretende contar à filha sobre a separação entre ele e sua mãe, mas não vai direto ao assunto, pois se sente incomodado e

constrangido com a situação. Desse modo, desenvolve algumas *estratégias conversacionais*, motivado pelo seu estado psicológico, conforme segue.

a) Fazer concessões:

– Você quer tomar um sorvete?
 – Mamãe disse que está muito frio.
 – **Não tem importância – disse ele apressadamente: – Vamos tomar um sorvete.**

.....
 – Olha, papai, que bonito.
 Era uma horrorosa caixa de bombons em forma de coração.
 – Dou de presente, você quer? – e puxou-a pelo braço, em direção á entrada. Dar-lhe-ia tudo que quisesse, como a comprar sua simpatia para o que tinha a dizer.
 – Mamãe falou que não posso comer bombom senão não janto.
 – **Hoje você pode, sim.**

.....
 – Você esteve viajando mesmo?
 Meu Deus, como começar? Era preciso começar, já se fazia tarde, o refresco se acabava, em pouco tinha de levá-la de volta para a mãe. Estivera viajando sim, por que haveria de mentir?
 – E chegou assim, sem mala, sem nada?
 – É porque eu cheguei... Isto é... Olha aqui. Toma este outro também, papai não está com vontade – e passou-lhe o copo.
 – Assim não janto e mamãe zanga – disse ela, indecisa, a boca a meio caminho do segundo refresco.
 – **Não tem importância. Diga que fui eu.**

b) Não contrariar o interlocutor:

– Você sentiu saudade do papai?
 – Não, porque demorou pouco. Comprou?
 – Comprei, olha aqui – e exibiu-lhe o embrulho.
 – Vou levar para mamãe – resolveu ela, subitamente inspirada. – Pode?
 – **Pode – e ele passou a mão pelo rosto, desconcertado.** – Um presente seu para ela.
 – Meu, não: seu – fez a menina, como a experimentá-lo. **Não respondeu.**
 [...]

c) Fazer uso de pré-sequências ou sequências preparatórias:

– **Sabe, filhinha, você já é uma... Bem, isso eu já disse. Quero dizer o seguinte: você sabe que papai gosta muito de sua mãe...**

Antes de mais nada, deixar bem a mãe: era também o que aconselhavam. Tomou de uma só vez o conhaque e prosseguiu:

– **Sua mãe é muito boa, sabe? Muito boa mesmo, gosta muito de você, você deve ser obediente e boazinha para ela.**

Não, não era isso. Precisava dizer logo, ou não diria nunca:

– **Papai gosta dela e ela do papai. Mas acontece, sabe? que ela é muito diferente do papai, gosta de uma coisa, papai de outra...**

Motivo fútil. O que não seria motivo fútil?

– **Bem, eu e sua mãe gostamos muito um do outro mas eu andava muito cansado, trabalhando o dia todo, sua mãe muito nervosa, nós vivíamos discutindo... brigando...**

– Se gostam, por que é que brigam?

Foi a única vez que a menina o interrompeu. Dali por diante ficou calada, olhando para outro lado, e ele prosseguiu como pôde, dizendo: **ela não tinha amiguinha no colégio? Não gostavam uma da outra? e de vez em quando não brigavam? Pois então? Com eles também era assim. E para viver junto era preciso não brigar nunca, era preciso ser muito bom um para o outro, era preciso...**

d) Certificar-se do acompanhamento ou da compreensão do interlocutor:

– **Minha filha, você não está me escutando.**

– Estou sim, papai...

A menina terminara o refresco e agora riscava distraidamente a mesa com a palha umedecida.

– **Que é que estou dizendo?**

Ela voltou-se para ele:

– Está dizendo que você e mamãe vão separar.

As três primeiras estratégias fazem parte da habilidade dos falantes em tratar de certos temas que podem gerar conflitos ou desgostos. Ao utilizá-las, o pai evita revelar abruptamente as suas reais intenções à filha, tentando, na medida do possível, conduzir o diálogo de maneira agradável.

A última estratégia auxilia na intercompreensão.

Considerações Finais

O texto que nos serviu de apoio mostrou-nos que muitos aspectos da oralidade podem ser representados num diálogo de ficção. Entre os elementos característicos da fala presentes no texto, ressaltamos *as formas de tratamentos, o uso da expressão “a gente” em lugar de “nós”, os dêiticos, as repetições, redundâncias e os marcadores conversacionais.*

Além de marcas típicas da oralidade, o diálogo nos apresentou *estratégias conversacionais* também comuns da fala. Destacamos as estratégias conversacionais: *fazer concessões, não contrariar o interlocutor, fazer uso de pré-sequências ou sequências preparatórias e certificar-se do acompanhamento ou da compreensão do interlocutor.*

A compreensão dos aspectos linguísticos e interacionais foi permeada pelo estudo das variáveis socioculturais e psicológicas das personagens apresentadas no texto pelo narrador e pelas personagens.

Sabemos que o diálogo analisado não configura uma transcrição da fala, mas uma reconstituição criada pelo autor, com o objetivo de criar ao leitor uma ilusão da realidade falada. Entretanto, parece-nos perfeitamente possível o estudo da oralidade em textos literários por entendermos que eles podem representar, embora com limitações, características da oralidade de um determinado tempo e espaço.

Referências Bibliográficas

Linguística

GALEMBECK, Paulo de Tarso. O turno conversacional. In: PRETI, Dino (org.) *Análise de textos orais*. 6 ed. São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/USP, 2003.

PRETI, Dino. *Sociolinguística – os níveis de fala*. 6. ed. São Paulo: EDUSP, 1994.

_____. *Estudos de Língua Oral e Escrita*. São Paulo: Lucerna, 2004.

_____. A língua falada e o diálogo literário. In: PRETI, Dino (org.) *Análise de textos orais*. 6 ed. São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/USP, 2003.

URBANO, Hudinilson. Marcadores conversacionais. In: PRETI, Dino (org.) *Análise de textos orais*. 6 ed. São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/USP, 2003.

Texto de apoio

SABINO, Fernando. Passeio. *De Conto em Conto*. São Paulo: Ática, 2002. p. 28-35.